

O TRABALHO COM GRUPOS NO SERVIÇO SOCIAL: CONTRIBUIÇÕES PARA A INTERVENÇÃO PROFISSIONAL

WORKING WITH GROUPD IN SOCIAL SERVICE: CONTRIBUTIONS TO THE PROFESSIONAL INTERVENTION

Giverson Gonçalves Bonfim

Assistente Social (FAFIPA – UNESPAR campus Paranavaí), especialista em Metodologia e Docência no Ensino Superior (FATECIE), técnico de referência do Centro de Referência de Assistência Social do Município de Paranavaí – CRAS ZONA LESTE. E-mail: giversongb@yahoo.com.br.

Juvanira Mendes Teixeira

Assistente social (Faculdade de ciências humanas e sociais de Curitiba), Especialista na área de direitos humanos e serviço social sócio- jurídico, Professora/Orientadora de TCC/Grupo Uninter. E-mail: juvaniramendes@gmail.com.

Cleci Elisa Albiero

Assistente Social; Mestre em Serviço Social. Professora do Curso de Serviço Social do Centro Universitário Internacional UNINTER – Curitiba PR. Pesquisadora do GETFS. E-mail: clecielisa.albiero@gmail.com.

RESUMO

O presente trabalho visa problematizar o trabalho com grupos na intervenção profissional do Serviço Social. Mediante pesquisa bibliográfica de caráter exploratório, selecionou-se produções científicas que possibilitam uma apreensão do tema em questão buscando analisar as diferentes perspectivas que contribuem para a implementação do Projeto Ético Político e com isso delinear uma proposta de trabalho com grupos para o Serviço Social. A partir disso, constatou - se que é de fundamental importância apreender os grupos e as práticas grupais numa perspectiva critica dialética subsidiando a intencionalidade da ação profissional. O trabalho com grupos constitui-se enquanto estratégia interventiva no qual o Assistente Social deve articular as diferentes dimensões que compõem a intervenção profissional atuando com uma ação socioeducativa que visa a socialização de informações e a prática reflexiva dos sujeitos envolvidos, desenvolvendo habilidades de crítica do cotidiano e sua imediaticidade, bem como a capacidade de autonomia, possibilitando a transformação social e novas formas de sociabilidade.

Palavras-chave: Trabalho com Grupos. Dimensão técnico – operativa. Serviço social.

ABSTRACT

The following paper aims to problematize working with groups in the professional intervention of Social Service. Through a an exploratory bibliographic research, scientific papers were selected that allow an understanding of the topic, seeking to analyze the different perspectives that contribute to the implementation of the Political Ethical Project and with that to design a proposal of working with groups for the Social Service. Thus, it was noted that it is of fundamental importance to understand groups and group practices in a critical dialectical perspective, subsidizing the intentionality of professional action. Working with groups constitutes an intervention strategy in which social workers must articulate the different dimensions that make up the professional intervention. They should work in a socio-educational way that aims the socialization of information and the reflexive practice of the subjects involved. In addition, they should develop daily critical skills and their immediate consequences, as well as the capacity for autonomy, enabling social transformation and new forms of sociability.

Keywords: Working with groups. Technical operative dimension. Social service.

INTRODUÇÃO

Na cena contemporânea, o Serviço Social avançou significativamente na discussão acerca das competências teóricas (metodológicas e éticas) e políticas, iniciando tardiamente a análise da competência técnico operativa, marcada pelo conjunto de procedimentos, estratégias, instrumentos e técnicas necessárias à intervenção profissional.

Dentre as estratégias utilizadas no cotidiano profissional, o trabalho com grupos pode-se configurar como alternativa para garantir o acesso ao direito do usuário sendo necessária sua problematização a fim de compreender como esta estratégia está sendo debatida no âmbito acadêmico científico, quais suas particularidades e a consonância com a produção científica e a materialização do Projeto Ético Político do Serviço Social.

Desta forma, a presente pesquisa propõe-se a problematizar o trabalho com grupos na intervenção profissional do Serviço Social. Para tanto, foi necessário levantar produção bibliográfica que aborda a temática em questão, analisar as diferentes perspectivas que contribuem para a implementação do Projeto Ético Político e com isso delinear uma proposta de trabalho com grupos para o Serviço Social.

A metodologia deste trabalho consiste em pesquisa bibliográfica de caráter exploratório, mediante análise de produções acadêmicas na área do Serviço Social que discutem e abordem o tema, destacando algumas particularidades acerca do trabalho com grupos no Serviço Social. Tal seleção levou em consideração a relevância, atualidade e acessibilidade das produções para a pesquisa.

A partir disso, esse trabalho se estrutura da seguinte maneira: inicialmente se discute a intervenção profissional do Assistente Social numa perspectiva crítica, seus componentes, situando o trabalho com grupos. Mediante isso, há a necessidade de conhecer as direções teórico - metodológicas sobre os grupos numa perspectiva marxista ou compatíveis com tal proposta metodológica como forma de balizar a prática profissional. Posteriormente, busca refletir sobre o trabalho com grupos para o Serviço Social como estratégia de socialização de informações e prática reflexiva na possibilidade de mobilização da população na defesa de direitos e na construção de uma nova sociabilidade.

Tal proposta se torna um desafio, frente ao atual contexto de precarização dos espaços de trabalho profissional, do desmonte e retrocesso das políticas sociais, mas também na forma como o coletivo de profissionais lidam com tais fenômenos elencando formas de intervenção competentes e qualificadas condizentes com o projeto profissional.

INTERVENÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL

Em uma perspectiva crítica, mediante os pressupostos da teoria de Marx e da tradição marxista, pode-se compreender o Serviço Social e sua intervenção profissional “como trabalho e no cotidiano de sua intervenção profissional como processo de trabalho” (GRANEMANN, 1999, p. 155). Baptista (2014) descreve que a prática profissional do Assistente Social representa uma modalidade de intervenção dentro das práticas sociais existentes na sociedade bem como uma especialização do trabalho coletivo, inserido na divisão sócio técnica do trabalho no capitalismo, tornando o Assistente Social um trabalhador assalariado, que vende sua força de trabalho em troca de um salário. Portanto, a prática profissional é algo inacabado sendo um processo de construção e reconstrução respondendo as demandas que lhe são postas segundo a conjuntura sócio histórica.

Segundo Sarmiento (2014, p. 180), pode-se compreender a intervenção do Serviço Social pela

[...] ação no cotidiano de vida dos trabalhadores e não trabalhadores, pela interferência nos modos de pensar, agir, sentir e fazer das pessoas e instituições, induzindo a posições e comportamentos teleologicamente desejados, visando à transformação do homem, de suas relações sociais e do curso dos acontecimentos.

Portanto, o exercício profissional do Assistente Social se situa na esfera da reprodução das relações sociais, na forma como o sujeito satisfaz suas necessidades tanto material como imaterial, possibilitando alterações na forma como os indivíduos atuam e concebem a realidade e o cotidiano de suas vidas (SARMENTO, 2014).

Além disso, a prática do Serviço Social é marcada por diversas dimensões que no dizer de Guerra (2013) possui as suas especificidades, mas que articuladas compreendem a intervenção do assistente social, sendo unidade, mas na diversidade. Logo, o Serviço Social possui dimensões constitutivas tais como a dimensão interventiva, a investigativa e a formativa marcadas pela competência teórica - metodológica, ético - política e técnico operativa.

A dimensão interventiva “explícita não somente a construção, mas a efetivação das ações desenvolvidas pelo assistente social” (TORRES, 2009, p.217) representando a materialidade da intervenção do Serviço Social. Enquanto isso, de acordo com Guerra (2013, p.61) a dimensão investigativa permite o conhecimento da realidade captando tendências. Também permite a antecipação, a reconstituição de objetos de intervenção, a apreensão de demandas emergentes e a reconfiguração das demandas. Já a dimensão formativa está relacionada as possibilidades de formação de um profissional crítico e propositivo pautadas nas diretrizes curriculares para os cursos de Serviço Social (GUERRA, 2013).

A competência teórico-metodológica nas palavras de Guerra (2013) representa a habilidade de conhecer a realidade sendo necessário um conhecimento teórico para desvelar a realidade, um método que nos guie perante a realidade social compreendendo a forma como os fenômenos se manifestam e as mediações que o compõem. A competência ético-política está direcionada à capacidade de elencar alternativas mediante juízos de valor bem como o direcionamento político das ações almejando um fim desejado.

Em relação a dimensão técnico - operativa, esta não se reduz aos instrumentos e técnicas, possuindo outros componentes bem como articula as dimensões teórico - metodológica e ético - política para sua operacionalização. Desta forma, a dimensão técnico - operativa possui as ações profissionais que representam o fazer profissional em si, sendo mais abrangentes e consoantes com as regulamentações profissionais. Os procedimentos são o conjunto de atividades que o profissional realiza e os instrumentos são os conjuntos de elementos que efetivam a ação (SANTOS, FILHO, BACKX, 2013 p. 26).

Trindade (2013) reforça que os procedimentos utilizados pelo Assistente Social podem ser de caráter individual, coletivo, administrativo organizacional e de capacitação, *Caderno Humanidades em Perspectivas - v.2 n.2 - 2018*

formação e pesquisa. Os procedimentos de caráter individual referem-se ao contato direto do Assistente Social com o usuário mediante a prestação de serviços sociais. Os procedimentos de caráter coletivo dividem-se em dois: os grupais, através da organização de grupos de usuários com perspectivas em comum, e os coletivos com uma mobilização maior de pessoas saindo do campo interno da instituição. Os procedimentos de caráter administrativo organizacional estão alocados na capacidade de gerenciamento de serviços sociais e os de caráter de pesquisa, capacitação e formação profissional direcionados para formação de profissionais, capacitação de usuários e assistente sociais bem como pesquisas acadêmicas e institucionais.

No que tange aos procedimentos de caráter grupal podemos verificar em Trindade (1999, p.288):

Os procedimentos de caráter grupal são aqueles que envolvem o atendimento dos usuários em agrupamentos organizados pelos assistentes sociais, geralmente tomando como critério a existência de situações comuns, que implicam necessidades comuns. Os grupos assumem características bem diferenciadas e o seu desenvolvimento faz parte de um esforço profissional voltado à ampliação das possibilidades de compreensão e reflexão dos usuários, através da convivência entre pessoas que possuem necessidades e situações de vida semelhantes.

Ademais, os procedimentos de caráter grupal são pouco utilizados pelo Serviço Social em sua prática cotidiana, mas de grande valia para a intervenção profissional e materialização do Projeto Ético - Político sendo importante analisar como tal componente da dimensão técnico - operativa da profissão vem sendo problematizada e destacando sua importância para as ações profissionais.

TENDÊNCIAS TEÓRICO METODOLÓGICAS ACERCA DOS GRUPOS NAS RELAÇÕES SOCIAIS

Mediante uma pesquisa bibliográfica constatou-se que prevalece uma abordagem teórica - metodológica sobre grupos pautada numa ótica crítica – dialética. Eiras (2006) apud Santos e Noronha (2013) destacam que através da categoria grupo é possível compreender a dinâmica das classes sociais na sociedade. Logo, o grupo possui uma dinamicidade marcada por tensões, expressando processos históricos de dominação e

exploração. Para o Serviço Social, é importante conhecer o debate em torno da temática de grupos, as práticas grupais que ocorrem na sociedade burguesa bem como os processos grupais que intermediam ações coletivas nos espaços institucionais, na tentativa de romper com a perspectiva conservadora sobre o trabalho com grupos.

Num outro momento, Eiras (2009) afirma que os grupos e as práticas grupais são resultado do movimento da realidade social no qual é necessário, para sua análise, não apenas a compreensão das suas relações internas, mas também aspectos externos que interferem no processamento dos fenômenos grupais como a historicidade, as questões materiais, ideológicas, políticas como também a luta de classes.

A partir disso, pode-se entender que os grupos e as práticas grupais ocorrem mediante ações que são motivadas pela necessidade, interesse, desejo, afeto, prazer, ou seja, os grupos surgem diante de uma motivação a fim de realizarem ações em comum. Entretanto, essa união não é isenta de confronto e contradições o que no caso não se torna uma problemática para a realização de ações coletivas (EIRAS,2009).

Lane (2012, p.78) problematiza a categoria grupos na sociedade capitalista enfatizando que a partir desta é possível compreender as determinações que agem sobre o sujeito além das ações que o homem objetiva na realidade marcado sempre pelo caráter histórico, tendo o entendimento de que “toda ação transformadora da sociedade só pode ocorrer quando indivíduos se agrupam”.

Diante disso, Lane (2012, p.81-82) estabelece alguns pressupostos para se aprender os grupos:

1) O significado da existência e da ação grupal só pode ser encontrado dentro de uma perspectiva histórica que considere a sua inserção na sociedade, com suas determinações econômicas, institucionais e ideológicas; 2) o próprio grupo só poderá ser conhecido enquanto um processo histórico, e neste sentido talvez fosse mais correto falarmos em processo grupal, em vez de grupo. Destas premissas decorre que todo e qualquer grupo exerce uma função histórica de manter ou transformar as relações sociais desenvolvidas em decorrência das relações de produção, e, sob este aspecto, o grupo, tanto na sua forma de organização como nas suas ações, reproduz ideologia, que, sem um enfoque histórico, não é captada.

Na sequência a autora elenca alguns pontos necessários para se apreender o processo grupal em uma perspectiva dialética:

O trabalho com grupos no serviço social: contribuições para a intervenção profissional

- Apreensão do impacto da alienação capitalista na esfera objetiva e subjetiva do sujeito e sua conexão com as determinações concretas da realidade;
- Compreensão da inserção do grupo nas instituições uma vez que “todo grupo ou agrupamento existe sempre dentro de instituições (LANE, 2012, p. 85).
- Percepção da história de vida de cada participante, pois tem impacto no processo grupal;
- O nível de análise ocorre na ordem interna e externa, entretanto, é na realidade objetiva que a dialética se manifesta. Ao mesmo tempo os sujeitos vão manifestando as relações de dominação existentes bem como a possibilidade de seu enfrentamento sempre atentando para não reforçar as relações capitalistas.
- Os papéis sociais são desempenhados não só objetivamente, mas subjetivamente através de representação ideológicas.

No que tange a abordagem de Martin Baró, Vileirine (2016) destaca que este autor compreende o grupo a partir da criação de vínculos de segurança e confiança, ou seja, teremos um grupo quando seus membros possuírem um vínculo entre eles no qual se mobilizam para satisfazerem interesses individuais e coletivos. Nesse sentido, o grupo é visto em sua totalidade no qual há uma ligação entre o grupo e o restante da sociedade sendo que os interesses individuais de seus membros vão durante o trabalho em grupo se tornando interesses coletivos.

No âmbito da corrente grupalista encontramos as análises de Pichon Rivière, psicanalista argentino que procurou compreender o processo grupal numa lógica dialética. Lane destaca que para o autor o grupo é considerado:

Um conjunto restrito de pessoas ligadas entre si por constantes de tempo e espaço, articuladas por sua mútua representação interna, que se propõe de forma explícita ou implícita uma tarefa a qual constitui sua finalidade, interagindo através de complexos mecanismos de atribuição e assunção de papéis. (2012, p.80)

A partir disso, Vileirine (2016, p. 133) relata que mediante o grupo operativo, termo cunhado pelo psicanalista para sua intervenção, seus participantes vão interagir para a execução de uma tarefa a qual pode estar relacionada a aprendizagens, tratamento ou cura. Na sequência o autor relata que nesse processo o movimento/articulação do grupo

se dá mediante a “mútua representação interna”. Cada sujeito possui uma representação diferente do mesmo fenômeno ou situação no qual se trabalha a convergência de representações, aspectos que podem possibilitar a ligação entre os membros e com isso a proposta de um o trabalho coletivo com objetivos em comum.

Nessa ótica, Eiras (2013) afirma que o autor em questão aborda os conceitos de verticalidade (subjetividade do sujeito) e horizontalidade (dimensão grupal). Na verticalidade há a singularidade de cada sujeito, que o caracteriza e diferencia dentro do grupo, sendo o ponto de partida para as mudanças e aprendizagens a partir do grupo. A horizontalidade, quando os sujeitos se identificam com o grupo, ocorre quando há uma identidade grupal com ações e pontos em comum. Dessa forma não se pode conceber o grupo como a forma dicotômica, indivíduo versus grupo, uma vez que esses dois polos estão sempre se interagindo e possibilitando o processo grupal.

É na identificação com pontos em comum dos sujeitos envolvidos no processo grupal que ocorre o sentimento de pertencimento, o “sentido de nós” que ocasiona as ações em conjunto e emerge nas pessoas a necessidade de atuar em grupo. Como descrito anteriormente é através de algum elo entre os indivíduos que leva à constituição do grupo e o seu processo de atuação é “que deflagra a possibilidade de agir grupalmente” (EIRAS, 2013, p. 144).

Dessa maneira, verifica-se a importância de se ter clareza teórico- metodológica sobre grupos, pois através desse se delimita a operacionalidade do trabalho e a intencionalidade das ações.

TRABALHO COM GRUPOS NO SERVIÇO SOCIAL: LIMITES E POSSIBILIDADES

O Serviço Social, enquanto profissão possui um arcabouço jurídico que define sua conduta bem como regulamenta a profissão. Dentre as competências do Assistente Social definidas pela Lei que Regulamenta a Profissão (lei 8.662/93) constata-se “encaminhar providências, e prestar orientação social a indivíduos, grupos e à população” bem como “orientar indivíduos e grupos de diferentes segmentos sociais no sentido de identificar recursos e de fazer uso dos mesmos no atendimento e na defesa de seus direitos”. Portanto, o trabalho com grupos situa-se enquanto uma possibilidade no *Caderno Humanidades em Perspectivas - v.2 n.2 - 2018*

qual o profissional, competente e qualificado em sua área de atuação, vai intervir na realidade e com isso satisfazer necessidades e/ou responder demandas (BRASIL, 2012, p.44 - 45).

Nessa perspectiva, conforme Eiras (2013) o Assistente Social ao responder as demandas sócio institucionais através da realização de intervenções grupais tem o entendimento que esta intervenção tem um caráter socioeducativo, ou seja, o trabalho com grupos possui uma perspectiva socioeducativa no qual atribui ao Assistente Social uma função/prática pedagógica. Ao responder a estas demandas, o profissional de Serviço Social aciona um conjunto de conhecimentos teórico - metodológicos e ético - políticos direcionado a um projeto profissional no qual é assimilado diversamente segundo a percepção de cada Assistente Social.

Seguindo essa lógica, Mito (2009) enfatiza que as ações socioeducativas se materializam em duas ordens: socialização de informações e processo reflexivo. A socialização de informações atua no compromisso de garantir o direito à informação tal como preconizado na Constituição Federal de 1988, no repasse de informações que possibilitem uma melhor qualidade de vida ao usuário. Enquanto isso, as ações socioeducativas que fomentam o processo reflexivo:

[...] se desenvolve no percurso que o assistente social faz com os usuários para buscar respostas para suas necessidades, imediatas ou não. Pauta-se no princípio de que as demandas que chegam às instituições, trazidas por indivíduos, grupos ou famílias, são reveladoras de processos de sujeição à exploração, de desigualdades nas suas mais variadas expressões ou de toda sorte de iniquidades sociais. Ele tem como objetivo a formação da consciência crítica. Esse objetivo somente se realiza à medida que são criadas as condições para que os usuários elaborem, de forma consciente e crítica sua própria concepção de mundo. Ou seja, que se façam sujeitos do processo de construção da sua história, da história dos serviços e das instituições e da história da sua sociedade (MIOTO, 2009, p.503).

Para possibilitar o processo reflexivo, o Assistente Social vai utilizar dois elementos importantes: o diálogo e a problematização. Além disso, para que as ações socioeducativas alcancem seus objetivos é importante que o profissional de Serviço Social construa vínculo com os usuários bem como mantenha uma relação democrática com os mesmos. Dessa forma, tal processo permite que o usuário desenvolva sua

autonomia tendo consciência de suas decisões bem como de suas necessidades, exercendo com clareza as possibilidades de se efetivar direitos (MIOTO, 2009).

Tal processo reflexivo no âmbito do trabalho com grupos vai de encontro com o que Vasconcelos (1997, p. 134) denomina de prática reflexiva no qual o usuário, crítico perante sua realidade pode transformar um “direito formal em direito real”. A relação entre usuário e profissional deve possibilitar que o usuário se torne sujeito numa relação horizontal e solidária compreendendo a realidade de forma crítica e com isso elencar alternativas, tendo clareza sobre suas ações e opiniões.

Logo, Vasconcelos (1997) estabelece alguns pontos que considera ser fundamentais para uma prática reflexiva tanto no atendimento individual quanto grupal: realização de um contrato de trabalho com os usuários; realizar perguntas exploratórias no sentido de problematizar sua realidade e seu cotidiano; devolver perguntas que são dirigidas ao profissional; repetir o que foi dito ao grupo e ao participante que se pronunciou; sintetizar e devolver o que foi apresentado pelo grupo de forma a favorecer o processo de análise; utilizar analogias apreendendo as conexões entre os diversos elementos que envolvem a realidade que os permeia; socializar informações numa ótica que favoreça a criticidade da realidade; indicar as contradições que emergem na realidade social e apreender o silêncio como algo importante no processo de intervenção.

Ao trabalhar com grupos numa perspectiva crítico - dialética é necessário correlacionar a realidade de vida dos sujeitos com a “totalidade dos processos sociais” (EIRAS, 2013, p.142). Todos os fenômenos que abarcam a vida dos sujeitos têm seu caráter singular e universal e é através da percepção da particularidade que se pode entender a relação entre o singular e o universal.

Dessa forma, ao se propor trabalhar com grupos é necessário compreender a inserção socio-organizacional e os atravessamentos socioinstitucionais que podem interferir nas atividades a serem realizadas grupalmente. Isso quer dizer que é preciso entender os modos de vida dos sujeitos que participam do grupo, sua condição de classe, questões culturais e demais aspectos que singularizam os indivíduos participantes, como o grupo lida com tais questões e forma que o mesmo atua e age grupalmente (EIRAS, 2009).

Mediante tal análise é possível elencar os instrumentos e procedimentos necessários para trabalhar grupalmente “que contribuam para o grupo problematizar ou externalizar/objetivar as suas concretas necessidades e interesses”. Tal análise é permanente, sempre levando em conta a participação do grupo nesse processo (EIRAS, 2009, p. 155).

Eiras (2009) enfatiza que para o planejamento de atividades em grupo é importante a apreensão das demandas existentes, a forma como a instituição lida com os interesses de seus usuários e a direção teórico metodológica que o profissional de Serviço Social possui para sua intervenção profissional. Assim, articula-se com a instituição a necessidade de tal intervenção, convidando os participantes e apresentando desde a primeira reunião a proposta de trabalho e sua respectiva justificativa pautada na necessidade de seus participantes lidarem com os conflitos que permeiam sua realidade e desenvolver sua autonomia.

Necessário se faz delimitar o número de participantes (mínimo e máximo), a duração da atividade e a quantidade de encontros a serem realizados conforme a análise da demanda. Ter claro o tema trabalhado em cada reunião e os recursos a serem utilizados uma vez que todo trabalho socioeducativo elenca um tema/conteúdo a ser problematizado/analísado com os participantes e que deve estar relacionado com as reais necessidades dos sujeitos envolvidos, pois “o campo temático é a possibilidade de apreensão racional das questões e problemas concretos vivenciados pelos usuários, bem como de apreensão da possibilidade de construção de alternativas concretas para sua superação” (EIRAS, 2013, p.140).

Nesse sentido, Eiras (2013) sugere nos encontros a serem realizados, a alternância na ênfase da verticalidade e da horizontalidade proposta por Rivière, possibilitando a criação de projetos e ações em comum:

Essa alternância também possibilita a emergência de questões sobre os processos sociais mais amplos e sua relação com as histórias de vida dos próprios sujeitos. Permite ao assistente social a apreensão e análise de elementos que particularizam a compressão sobre as expressões da questão social que impactam o conjunto dos sujeitos. Permite ainda, a emergência de ações coletivas que possam abrir novas possibilidades de enfrentamento face aos projetos societários hegemônicos (EIRAS, 2013, p. 150).

Posteriormente a autora informa que a cada atividade construir um relatório/ registro das ações realizadas, auxiliando não só na percepção do que o grupo produziu e avançou até aquele momento bem como fundamentando a revisão dos próximos conteúdos a serem abordados, sendo que ao final do trabalho relatar para o grupo o que o mesmo construiu até o momento a partir dos relatórios (EIRAS, 2013).

Nessa linha de raciocínio, Matos (2013) ao retratar a questão do registro das atividades realizadas em grupo pelo Assistente Social, informa que esse registro deve abarcar dados quantitativos e qualitativos. Os dados quantitativos são referentes ao tema discutido, data, horário, duração e quantidade de pessoas. Enquanto os dados qualitativos configuram-se com informações sobre o envolvimento dos participantes na discussão do tema, os pontos polêmicos apresentados e a avaliação da intervenção. Deve-se levar em conta também a apreensão da dinâmica dos participantes no trabalho de grupo e se caso uma mensagem verbalizada por algum membro seja importante a mesma pode ser registrada na ficha e ou prontuário do usuário ou família.

Portanto, conforme o raciocínio de Rocha (2016) o Assistente Social deve estar capacitado para se trabalhar com grupos e as relações ali vivenciadas, tomando o devido cuidado com os temas e conteúdos trabalhados. Mesmo que as ações ali realizadas provoquem alívio de tensão e ou amenização de conflitos emocionais, não é competência do Serviço Social realizar grupos terapêuticos e sim intervenção grupais de caráter educativo – reflexivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou aproximações com o tema em questão visando sistematizar um conjunto de conhecimentos e informações considerados importantes para se problematizar acerca do trabalho com grupos no âmbito do Serviço Social.

Verifica-se que o Serviço Social se situa na divisão sócio técnica do trabalho como um ramo profissional que atua principalmente no processo de reprodução das relações sociais, na maneira de pensar e agir da classe trabalhadora, sendo sua prática determinada pela contradição entre as classes na sociedade capitalista.

O trabalho com grupos no serviço social: contribuições para a intervenção profissional

A intervenção do Serviço Social é marcada por dimensões distintas, mas complementares como as dimensões interventiva, investigativa e formativa, marcadas por competências teórico - metodológica, ético - política e técnico-operativa, demonstrando que a prática do Assistente Social é algo complexo, contraditório e inacabado sendo fundamental a apreensão destas dimensões em sua totalidade.

Com relação ao trabalho com grupos, este pode ser utilizado pelo Assistente Social como uma estratégia eficaz de socialização de informações e luta por direitos, não se baseando em conhecimentos simplistas e na lógica do senso comum.

Portanto, há a necessidade em se apreender os grupos e as práticas grupais numa lógica dialética, captando seu movimento dentro da sociedade e as relações entre seus membros conectando o singular com o universal, através da percepção da particularidade do processo grupal.

O Assistente Social, ao trabalhar com grupos, atua através de ações socioeducativas de caráter educativo- reflexivo levando os sujeitos envolvidos a repensarem seu cotidiano criticamente, romperem com a imediatividade do cotidiano criando estratégias coletivas de materialização de direitos, construindo formas de sociabilidade mais humanas, democrática e solidárias.

Como todo conhecimento é inacabado, na qual a dialética da realidade nos força sempre a construção e reconstrução de informações, apresenta-se uma contribuição para a intervenção profissional, com limites, mas com possibilidades frente aos desafios impostos pela lógica capitalista, sugerindo que além de trabalhar com grupos de usuários, tenhamos condições de nos unirmos enquanto coletivo de Assistentes Sociais que enfrentam cotidianamente as expressões da questão social.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Myrian Veras. Prática Social/Prática Profissional: a natureza complexa das relações profissionais cotidianas. In: BAPTISTA, Myrian Veras; BATTINI, Odária. **A Prática Profissional do Assistente Social: teoria, ação construção do conhecimento**. V. I. 2º ed. São Paulo: Veras Editora, 2014.p. 15 – 28.

BRASIL, Conselho Federal de Serviço Social. **Código de ética do/a assistente social. Lei 8.662/93 de regulamentação da profissão.** 10ª. ed. revista e atualizada. Brasília. 2012. Disponível em: http://www.cfess.org.br/js/library/pdfjs/web/viewer.html?pdf=/arquivos/CEP_CFESS-SITE.pdf > Acesso em: 22 maio 2017.

EIRAS, Alexandra Aparecida Leite Toffanetto Seabra. Problematizações acerca do trabalho com grupos no Serviço Social brasileiro. In: Eduardo Mourão Vasconcelos. (Org.). **Abordagens Psicossociais: perspectivas para o Serviço Social.** 1ed. São Paulo: HUCITEC, 2009, v. III, p. 121-158.

_____. A intervenção do Serviço Social nos CRAS: análise das demandas e possibilidades para o trabalho socioeducativo realizado grupalmente. In: SANTOS, Cláudia Mônica dos; BACKX, Sheila; GUERRA, Yolanda. **A Dimensão técnico – operativa no Serviço Social: desafios contemporâneos.** 2ª Edição. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2013.p.127 - 152.

GUERRA, Yolanda. A dimensão técnico – operativa do exercício profissional. In: SANTOS, Cláudia Mônica dos; BACKX, Sheila; GUERRA, Yolanda. **A Dimensão técnico – operativa no Serviço Social: desafios contemporâneos.** 2ª Edição. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2013. p. 45 – 74.

GRANEMANN, Sara. Processos de trabalho e Serviço Social I. In: CFESS/CEAD/UNB. **Capacitação em Serviço social e política social.** Modulo 02: reprodução social, trabalho e serviço social. Brasília: CEAD, 1999.p.153 – 166.

LANE, Silvia Tatiana Maurer. O processo grupal. In: LANE, Silvia Tatiana Maurer; CODO, Wanderley. **Psicologia social: o homem em movimento.** 14º edição. São Paulo: Brasiliense, 2012. p.78-98.

MATOS, Maurílio Castro de. **Serviço Social, Ética e Saúde: reflexões para o exercício profissional.** São Paulo: Editora Cortez, 2013.

MIOTO, Regina Celia Tamasso. Orientação e acompanhamento social a indivíduos, grupos e famílias. In: CFESS/ABEPSS. **Serviço Social: Direitos sociais e Competências Profissionais.** Brasília: CFESS/ABEPSS,2009.p.497- 512.

NOVELLO, Anderson. Estrutura do artigo científico. In: _____. **Metodologia Científica**. Material Didático. Especialização em Serviço Social, Direitos sociais, fundamentos da profissão e competências profissionais. 2016.

PRONADOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani César de. Pesquisa Científica. In: _____. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2º edição. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.p.41 – 118. Disponível em:<<http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5b-b1ad-1538f3aef538/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>>. Acesso em:05 nov. 2016.

ROCHA, Marco Antônio. As dimensões éticas no emprego dos instrumentais técnico-operativos no trabalho do assistente social. In: LAVORATTI, Cleide; COSTA, Dorival. **Instrumentais Técnicos- Operativos no Serviço social: Um debate necessário**. Ponta Grossa: Estúdio Texto. Versão impressa, 2016. p. 217 – 231.

SANTOS, Cláudia Mônica dos; FILHO, Rodrigo de Souza; BACKX, Sheila. A dimensão técnico – operativa do Serviço Social: questões para reflexão. In: SANTOS, Cláudia Mônica dos; BACKX, Sheila; GUERRA, Yolanda. **A Dimensão técnico – operativa no Serviço Social: desafios contemporâneos**. 2ª Edição. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2013.p.21- 44.

SANTOS, Cláudia Mônica dos; NORONHA, Karine. O Estado da Arte sobre os Instrumentos e Técnicas na Intervenção Profissional do Assistente Social – uma Perspectiva Crítica. In: FORTI, Valéria; GUERRA, Yolanda (org.). **Serviço Social: Temas, Textos e Contextos**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Lumen Juris. Coletânea Nova de Serviço Social, 2013. p.47 – 63.

SARMENTO, Hélder Boska de Moraes. **Instrumentos e Técnicas em Serviço Social: elementos para uma rediscussão**.1994.329 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social). Programa de Pós-Graduação em Serviço Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1994.

_____. O Debate contemporâneo sobre a Intervenção Profissional. In: FAGUNDES, Helenara Silveira; SAMPAIO, Simone Sobral. **Serviço Social: Questão Social e Direitos Humanos**. V. I. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014. p. 159 – 188.

SUZUKI, Juliana Telles Faria; STEINLE, Marлизete Cristina Bonafini; BATTINI, Okçana. Questões metodológicas da pesquisa. In: SUZUKI, Juliana Telles Faria (org.). **TCC: elaboração e redação**. Londrina: Redacional, 2009.p.33 – 49.

TORRES, Mabel Mascarenhas. As múltiplas dimensões presentes no exercício profissional do assistente social: intervenção e o trabalho sócio educativo. **Serviço social em Revista**, Londrina – PR, v.12, n.01, p.202 – 227, jul/dez.2003. Disponível em:< <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/ssrevista/article/view/10060/8789> >. Acesso em 10 nov 2016.

TRINDADE, Rosa Lúcia Prédes. **Desvendando o significado do instrumental técnico-operativo na prática profissional do Serviço Social**. 1999.347 f. Tese (Doutorado em Serviço social) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.1999.

_____. Ações profissionais, procedimentos e instrumentos no trabalho dos assistentes sociais nas políticas sociais. In: SANTOS, Cláudia Mônica dos; BACKX, Sheila; GUERRA, Yolanda. **A Dimensão técnico – operativa no Serviço Social: desafios contemporâneos**. 2ª Edição. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2013.p.75 – 108.

VASCONCELOS, Ana Maria de. Serviço Social e Prática Reflexiva. **Em Pauta**. Revista da Faculdade de Serviço social da UERJ. nº 10. 1997.p.131 – 180.

VILEIRINE, Reginaldo Miguel de Lima. Os Instrumentais técnicos no Trabalho com Grupos. In: LAVORATTI, Cleide; COSTA, Dorival. **Instrumentais Técnicos- Operativos no Serviço social: Um debate necessário**. Ponta Grossa: Estúdio Texto. Versão impressa, 2016.p.127 – 146.